



Instituto Universitário da Maia

Departamento de Educação Física e Desporto

## **Relatório da Prática de Ensino Supervisionada**

Hugo Jorge Moreira Lourenço

N.º 27781

outubro, 2018



Instituto Universitário da Maia

Departamento de Educação Física e Desporto

## **Relatório da Prática de Ensino Supervisionada**

Hugo Jorge Moreira Lourenço

N.º 27781

**Supervisor:** Doutor Rui Araújo

**Orientador:** Mestre José Lopes

Documento com vista à obtenção do grau académico de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (Decreto-lei nº 115/2013 de 7 de agosto e o Decreto-lei nº 79/2014 de 14 de maio)

outubro,2018

## **Agradecimentos**

Não posso avançar sem antes agradecer a todos aqueles que tiveram comigo ao longo da minha vida e durante toda a formação académica:

Aos meus pais, pois, sem a educação, os valores, a confiança e o amor que sempre depositaram em mim nada disto seria possível;

Ao meu irmão por me acompanhar desde sempre e por tudo o que representa para mim;

Aos amigos de todos os momentos, ao Rafa, ao Dani e à Maria, pelo apoio e compreensão;

À Soraia, por ser incansável e por ser o meu porto seguro nos dias bons e menos bons;

Ao ISMAI pela oportunidade;

Ao Rui e ao Óscar por terem caminhado lado a lado comigo nesta aventura;

Ao Mestre José Lopes, pela disponibilidade e por todo o aprendizado transmitido;

Ao Doutor Rui Araújo, supervisor da Prática de Ensino Supervisionada, por transmitir valores como perseverança e despreendimento;

Aos professores de Educação Física e assistentes operacionais da Didáxis que sempre se mostraram disponíveis.

**A todos um sincero Obrigado**

## **Resumo**

O presente relatório pretende expor o trabalho efetuado ao longo da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada enquadrada no 2º ano do ciclo de Mestrado em Ensino de Educação Física no Ensino Básico e Secundário, do Instituto Universitário da Maia, realizado na Didáxis- Cooperativa de Ensino de Riba D’Ave.

O documento encontra-se dividido em quatro capítulos. O primeiro retrata as dimensões pessoal e profissional. O segundo aborda a prática em contexto. Por sua vez, o terceiro foca-se na prática profissional encontrando se dividido em organização e gestão do ensino e aprendizagem, participação na escola e relação com a comunidade e desenvolvimento profissional. Desta forma, o quarto capítulo tem como finalidade a reflexão de forma objetiva, relatando assim todo o processo de aprendizagem vivido até ao momento presente.

**Palavras-Chave:** Estágio Pedagógico; Prática Desportiva; Formação; Modelos de Ensino

## **Abstract**

This report aims to present the work carried out throughout the Curricular Unit of Supervised Teaching Practice in the 2nd year of the Master in Teaching Physical Education in Basic and Secondary Education, in the University Institute of Maia, held at Didáxis-Cooperativa de Ensino de Riba D'Ave.

The document is divided into four chapters. The first one depicts the following dimensions: personal and professional. The second one deals with practice in context. On the other hand, the third one focuses on professional practice, and it is divided in organization and management of teaching and learning, participation in school and community relations and professional development. Thus, this report aims to reflect objectively, reporting therefore the whole learning process lived up to now.

**Key-words:** Teaching practice; Sports Practice; Training; Teaching Models

## Índice

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>i</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>ii</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>iii</b>
<b>Abreviaturas</b> .....	<b>v</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>Capítulo I - <i>Dimensões: Pessoal e Profissional</i></b> .....	<b>3</b>
1. Uma decisão a partir de um percurso.....	<b>4</b>
2. Expectativas iniciais.....	<b>5</b>
<b>Capítulo II - <i>Prática em Contexto</i></b> .....	<b>7</b>
1. A importância da Prática de Ensino Supervisionada (PES).....	<b>8</b>
2. A escola cooperante: lugar de prática.....	<b>8</b>
<b>Capítulo III - <i>Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção</i></b> .....	<b>12</b>
1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem.....	<b>13</b>
1.1. Planeamento.....	<b>13</b>
1.2. Realização.....	<b>15</b>
1.3. Avaliação.....	<b>20</b>
1.4. Construir e (re)construir o conhecimento: impactos da minha experiência e atuação.....	<b>22</b>
2. Participação na escola e Relação com a comunidade.....	<b>23</b>
2.1. Atividades realizadas.....	<b>23</b>
2.2. Socialização profissional e institucional.....	<b>28</b>
2.3. Fazer aprender para lá da aula: impactos da minha experiência e atuação.....	<b>29</b>
3. Desenvolvimento profissional.....	<b>30</b>
3.1. Dificuldades e necessidade de formação.....	<b>30</b>
3.2. Formação contínua: um imperativo da profissão.....	<b>32</b>
<b>Capítulo IV - <i>Reflexões finais</i></b> .....	<b>33</b>
1. Experiência pessoal e profissional.....	<b>34</b>
2. A Componente ético-profissional.....	<b>34</b>
3. Realidade do contexto escolar: impacto da PES.....	<b>35</b>
<b>Referências bibliográficas</b> .....	<b>37</b>

## **Abreviaturas**

CMCC	Capacidades Motoras Condicionantes e Coordenativas
CT	Científico-Tecnológico
CTD	Científico-Tecnológico de Desporto
DE	Desporto Escolar
EE	Estudante Estagiário
EF	Educação Física
ISMAI	Instituto Universitário da Maia
MED	Modelo de Educação Desportiva
MEEFEBS	Mestrado em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário
NEE	Necessidades Educativas Especiais
NPES	Núcleo de Prática de Ensino Supervisionada
PES	Prática de Ensino Supervisionada
POC	Professor Orientador Cooperante
TCPM	Técnico de Coordenação e Produção de Moda
TGU	Teaching Games Undersanding
UD	Unidade Didática

---

## *Introdução*

---

## **Introdução**

Este documento retrata o caminho percorrido durante este ano. Foi um ano de experiências únicas, momentos irrepetíveis, muito trabalho, dedicação e superação. Neste sentido, o presente documento reflete o relatório da Prática de Ensino Supervisionada (PES) no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Física no Ensino Básico e Secundário (MEEFEBS). A PES desenvolvida no ano 2017/18 teve como principal objetivo favorecer a integração e consolidação em contexto prático dos conhecimentos teóricos, através de uma prática docente supervisionada e orientada em situação real, com vista à profissionalização de docentes de Educação Física (EF) competentes e capazes da sua profissão.

A realização deste relatório pretende relatar um conjunto de atividades dinamizadas, dificuldades encontradas e superadas, a consolidação de conhecimentos, relações estabelecidas e a realidade do ensino em Portugal, através de uma apreciação crítica e reflexiva de todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano decorrido até então. Assim, o documento encontra-se dividido em quatro capítulos, os quais retratam as dimensões pessoais e profissionais, a prática em contexto, a prática profissional, que por sua vez, abrange a organização e gestão do ensino e aprendizagem, participação na escola e relação com a comunidade e o desenvolvimento profissional. Por último, podemos encontrar neste relatório da PES as reflexões finais que nada mais são do que o culminar de um ano e uma certeza do que ambiciono para o meu futuro.

# *Capítulo I*

---

*Dimensões: Pessoal e Profissional*

---

## 1. Uma decisão a partir de um percurso

O gosto pelo desporto e pela prática de atividade física foi despoletado pelo meu pai desde muito cedo. Influenciou-me a assumir uma vida ativa, quer a mim quer ao meu irmão, sendo que o mais importante não era se corríamos, jogávamos à bola, realizávamos exercícios de força ou qualquer outro tipo de exercício. O objetivo principal sempre foi manter nos ativos desafiando-nos, motivando e superando-nos constantemente.

Acredito plenamente que foram esses primeiros anos, esses primeiros hábitos, que ajudaram a criar e fomentar laços ainda tão presentes e solidificados entre pai e filho e até mesmo a relação positiva que sempre mantive com o meu irmão. Esse hábito durou vários anos até que acabei por me inscrever no clube de futebol local e num grupo de escuteiros. O clube de futebol era o sonho de todas as crianças na altura e até aos doze anos foi também o meu. Os escuteiros, por sua vez, foram desde logo uma paixão. A liberdade para andar pela natureza, a oportunidade de sempre conviver e conhecer novas pessoas com ideologias, personalidades e características tão diferentes e diversificadas, os desafios que nos são propostos, a possibilidade de evolução nas mais diferentes áreas fez com que adquirisse um leque de competências como por exemplo, a capacidade de improviso, o com pouco fazer muito, a especialidade portuguesa do “desenrasque”, a capacidade de lidar com as mais diferentes personalidades e a evolução das mesmas nas diversas situações.

Aos onze anos, um amigo do meu pai convidou o meu irmão mais velho a jogar andebol no clube “Francisco de Holanda” sendo que para mim, na altura, era uma modalidade completamente desconhecida. Durante esse ano, ia acompanhando os jogos do meu irmão e foi aí que decidi que também eu queria praticar o desporto em causa.

Foi a partir desse momento que começou a despoletar em mim o sonho de ser professor de EF. Tive a sorte de, desde logo, ser acompanhado por um treinador que me cativou de tal maneira que, nesses tempos, o mais importante para mim era o andebol. Era talvez o treinador mais exigente que alguma vez tivera. A capacidade que tinha para me cativar, motivar e desafiar constantemente fez de mim um jogador e essencialmente um apaixonado pela modalidade. Estive no andebol dos doze aos dezoito anos conseguindo ser campeão nacional por quatro vezes e muito se deve ao treinador que me acompanhou durante todos os escalões, a sua exigência e dedicação foi sem dúvida um ponto fulcral no meu desenvolvimento e acredito seriamente que foi devido a influência que exerceu durante esse período que me fez direcionar para a área do desporto e posteriormente para a vertente do ensino.

Durante todos estes anos sempre contei com o apoio incondicional dos meus pais. Tanto a minha mãe como o meu pai sempre me acompanharam em todos os jogos e perceberam muitas vezes a minha “falta de disponibilidade”. Praticar uma modalidade aliada a todo o percurso escolar, escuteiros, amigos e as demais atividades típicas da idade nem sempre foi fácil. Ainda assim, a sensação era sempre recompensadora. Hellstedt (1995) afirma que a família é a maior fonte de influência na vida dos atletas, pois é aí que os jovens aprendem e desenvolvem competências e mecanismos de confronto para lidar com as exigências competitivas.

No que à escola diz respeito, como todos os alunos, também eu tive que escolher o que queria seguir no ensino secundário e assumindo uma postura de retrospectiva penso que talvez tenha sido o meu maior erro. Na altura, a escola que frequentei possuía o curso de desporto e mesmo assim acabei por optar pelo curso Científico-Tecnológico (CT). Esta decisão foi tomada devido à imagem errada que a sociedade possui sobre este tipo de cursos e até pela limitação que o curso me daria se mais tarde mudasse de ideias. No entanto, e mesmo consciente que era a área de desporto que pretendia seguir, quando frequentava o curso de CT, sabia que no final dos três anos teria sempre a hipótese de optar por um Curso de Desporto no Ensino Superior. Três anos mais tarde, os meus gostos e sonhos não se alteraram, tal como esperava. Foi então que falei com várias pessoas da área do desporto e falaram-me do Instituto Universitário da Maia (ISMAI), onde até eles próprios tinham frequentado e que era uma faculdade de renome no Curso de Desporto . O apoio dos meus pais foi, mais uma vez, incontestável.

## **2. Expectativas iniciais**

O ano da PES apresenta-se como o ano mais exigente, trabalhoso e desafiante. A necessidade de transitar da teoria para a prática os conhecimentos adquiridos durante a licenciatura e o primeiro ano do ciclo de mestrado acarretam uma responsabilidade que até agora não era exigida de mim. Durante a licenciatura o plano de estudos recai na formação inicial ao nível das dimensões sociais, profissionais e éticas. Desta forma adquirimos conhecimentos sobre a sociedade, a forma como se comporta, o que podemos esperar e quais as melhores medidas a tomar para as diversas situações que poderemos encontrar. Por outro lado, temos ao nosso dispor todos os conhecimentos para a prática e desenvolvimento das diferentes modalidades existentes enquanto que nos são inculcados valores de forma a ser possível uma evolução contínua. Do mesmo modo, no primeiro ano do ciclo de mestrado somos direcionados para a organização didática e pedagógica e é aqui que nos deparamos com estilos,

modelos e metodologias diferentes de ensino tudo com o intuito de nos preparar para o momento que agora início, o segundo ano do MEEFEBS e por consequente o início da PES.

Valores como autonomia, flexibilidade, ponderação, integração e partilha irão me acompanhar durante todo este processo o que resulta na inevitável criação de expectativas em mim próprio e em todo o ambiente escolar que agora me rodeia. Acredito assim, que posso atribuir as expectativas criadas a dois momentos distintos, a um primeiro momento onde me dei conta de que iria realizar a PES e a um segundo onde descobri o local em que tinha sido colocado para a realização da mesma. Primeiramente, as expectativas vieram agregadas a um conjunto de receios. Como referido anteriormente a responsabilidade que possuo este ano é de uma grandeza inquestionável e por essa mesma razão traduz-se para mim em medos. A complexidade de algumas tarefas como a de transmitir diferentes paradigmas de ensino, de lidar com diferentes faixas etárias, suprimir dificuldades pessoais como a colocação da voz fazem com que inicie o ano de forma mais cautelosa e ponderada ao passo que, existe as expectativas criadas no momento da colocação. Neste segundo momento a expectativa recai sobre a escola recetora, o corpo docente e não docente, o Núcleo de Prática de Ensino Supervisionada (NPES) e o Professor Orientador Cooperante (POC).

O feedback existente sobre a instituição onde agora início o MEEFEBS era surpreendentemente positivo pela parte de colegas que anteriormente tinham concluído a sua PES ali. As instalações que a escola apresenta são propícias a prática da maioria das modalidades abordadas na licenciatura o que me possibilita agora a transição de um leque vasto e variado de conhecimentos para a prática ao passo que as opiniões dadas se mantinham unânimes quanto a recetividade e apoio dado por todo o corpo docente e não docente e aqui recai uma das maiores expectativas para este ano. O facto de existir um NPES é algo que valorizei desde o primeiro momento pois é no mesmo que vai existir uma maior entre ajuda e partilha de conhecimentos, acrescento ainda que o facto de sermos oriundos da mesma instituição de ensino, o ISMAI, facilita todo o processo de intrusão visto já nos conhecermos anteriormente. Da mesma forma, acredito ser um processo natural a criação de expectativas no POC visto que desempenha o papel principal no que toca a primeira ligação criada por todos os estudantes estagiários a docência.

# *Capítulo II*

---

## *Prática em Contexto*

---

## **1. A importância da Prática de Ensino Supervisionada (PES)**

Numa altura em que a sociedade sofre de forma generalizada de uma crise axiológica a PES ocupa no processo de formação um papel fulcral. Assim, e graças a reestruturação dos programas formativos é possível obter uma maior acreditação e habilitação para a docência. Desta forma a PES apresenta-se como um espaço de formação e reflexão de forma a criar docentes mais capazes, conscientes e completos.

Este ano representa o momento de transição de alunos para professores. Apesar de durante a licenciatura, e até mesmo no primeiro ano de mestrado, termos a oportunidade de liderar algumas aulas, avaliar e refletir sobre as mesmas, a nada se compara a este ano. Aqui, somos desafiados a lecionar no sentido amplo da palavra, onde nos é proporcionado, a nós alunos estagiários, a experiência de transitarmos dos conhecimentos teóricos adquiridos até então para os práticos (Sá, 2010). Assim, o segundo ano do MEEFEBS é o culminar de um ciclo de aprendizagens. Desta forma, munidos de teoria, encontramos aqui a oportunidade de testarmos diferentes abordagens, de nos relacionarmos com o corpo docente e através da observação direta encontrar quais os métodos que de encontro vão com a nossa perspetiva de ensino.

Através da PES somos desafiados a ensinar, educar, relacionar, cooperar, avaliar e refletir. Um estágio desta natureza resulta em docentes mais capazes. Capazes de estabelecer metas e objetivos, de transmitir conhecimentos, de lidar com diferentes personalidades, de superar adversidades, formando docentes mais conscientes. Conscientes de que a formação continua é um imperativo da profissão, conscientes de que cada pessoa que conosco se cruze reage de diferente forma aos estímulos que lhe são transmitidos, conscientes de que a evolução é possível quando primeiramente nos avaliamos a nós próprios refletindo assim sobre o nosso desempenho pessoal e a evolução que proporcionamos aqueles que estão à nossa responsabilidade. Deste modo acredito que só através deste processo nos tornamos profissionais completos.

## **2. A escola cooperante: lugar de prática**

A Didáxis, Cooperativa de Ensino - Riba D'Ave, fundada em 1975, orgulha-se da sua história e tradição apresentando *“como missão primordial dotar cada um dos seus alunos de um conjunto de competências e conhecimentos estruturantes, que lhes permitam explorar e desenvolver as suas capacidades, integrar-se de forma ativa e responsável na sociedade e*

*contribuir, proactivamente, para a vida económica, social e cultural do país*”. Compreende atualmente as freguesias de Riba de Ave, Delães, Bairro, Oliveira S. Mateus, Oliveira St.<sup>a</sup> Maria, Landim, Pedome, Guardizela, Serzedelo, a União das freguesias da Carreira e Bente e a União das Freguesias de Ruivães e Novais. De forma a garantir o deslocamento dos alunos a instituição possui uma frota de nove autocarros que transporta diariamente cerca de mil e oitocentos alunos.

Enquanto cooperativa de ensino possui dois polos, Riba de Ave e Vale S. Cosme, gerida por um conselho de administração comum e conselho pedagógico independente. Apresenta também em algumas turmas contratos de associação com o Estado adotando os planos curriculares e conteúdos programáticos deste, mas possuindo autonomia pedagógica em todos os ciclos de estudo. Enquanto instituição abrange desde o primeiro ciclo até ao ensino secundário passando pelo ensino profissional. Assim, disponibiliza quatorze cursos: cursos científico-humanísticos de Ciências e Tecnologias e Ciências Socioeconómicas, um Curso Científico-Tecnológico de Desporto (CTD) e Dinamização da Atividade Física e ainda diversos cursos profissionais, desde Técnico de Eletrónica, Automação e Comando, Técnico de Multimédia, Técnico de Manutenção Industrial e Técnico de Coordenação e Produção de Moda (TCPM). Encontra-se também ativa nos mais diversos projetos desde o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, o projeto AVES (Avaliação Externa de Escolas), Literacia Financeira, Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar, Programa Educação Parental, Projeto de Intervenção de Melhoria dos Resultados Académicos, Empreendedorismo, Eco-Escolas, entre outros. Possui ainda diversos protocolos e parcerias de colaboração com diversas entidades visando uma articulação entre escola e empresas.

A escola encontra-se munida de excelentes instalações desde os nove blocos todos eles com diversas valências (e organizados por ordem alfabética de modo a facilitar a organização da mesma) noventa e três salas de aula, dois bares, duas oficinas, duas cozinhas, nove laboratórios, dois ginásios, oito balneários, duas reprografias e nove gabinetes. Possui ainda duas cantinas, um pavilhão gimnodesportivo, um campo de futebol em piso sintético, uma sala de dança, um miniginásio e um campo exterior com pistas de atletismo e caixa de areia.

### Caracterização das turmas

Durante o decorrer do ano tive a oportunidade de lecionar a disciplina de EF a seis turmas com personalidades, ritmos e vontade de aprender completamente diferentes. De ressaltar que tive três turmas de regência uma por cada período letivo, três turmas que acompanhei notando que, duas delas eram cursos profissionais, uma de desporto e outra de

moda, e ainda a ocasião de acompanhar o Desporto Escolar (DE) na modalidade de andebol e um aluno com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Durante o primeiro período a turma de regência foi a 7.1. A única turma privada da instituição e por consequente a turma mais pequena contando com treze alunos em que quatro pertencem ao sexo feminino e nove ao masculino. A turma padece de um nível de interesse pela prática desportiva muito reduzido o que a nada se assemelha ao nível cognitivo que apresenta nas diferentes disciplinas. Por um lado, temos o sexo masculino onde a maioria praticava futebol extra-aula o que conferia alguma facilidade em contexto jogo nas diversas modalidades, por outro, temos o sexo feminino que embora seja a minoria não apresentava qualquer interesse. Ao longo do período, e até numa segunda fase observando o trabalho dos meus colegas do NPES, pude constatar que esta foi a turma com o menor nível de entreajuda, são os próprios colegas que se destabilizam uns aos outros e a vertente psicológica e motivacional foi a mais difícil de contornar.

Zhang, Chen, Mccubbin, Mccubbin, Foley (2011) retratam as diferenças entre a escola pública e a privada e a relação que a escola privada e os seus intervenientes, incluindo professores, criam com os alunos e a realidade é que durante o ano pude constatar a diferença brutal que existe entre estes dois mundos. Ainda no mesmo período acompanhei a turma 6.4, a única de segundo ciclo. Devido a sua idade maturacional esta turma apresentava-se constantemente ativa e a vontade que eles demonstravam para estar na aula resultava também numa maior vontade de ali continuar com eles, contudo a faixa etária da turma exige um maior compasso de espera no que diz respeito a assimilação do objetivo dos exercícios propostos. Ultrapassado este entrave a turma correspondia sempre de forma positiva, apesar das dificuldades motoras por alguns alunos apresentavam que eram rapidamente suprimidas pelo espírito de companheirismo presente. Ao contrário da turma exposta inicialmente esta segunda proporcionou a criação de um ambiente estável e confiável entre ambas as partes.

No segundo período e com a mudança de turmas tive a turma 9.2 como turma de regência. Esta, constituída por vinte e sete alunos sendo onze do sexo feminino e dezasseis do sexo masculino, encontrava-se bastante dividida quanto ao interesse pela disciplina de EF. Por um lado, existia um grupo bastante atento e empenhado na realização dos exercícios por outro, existia um grupo com maiores dificuldades não pela questão motora e coordenativa mas porque não prestavam atenção as instruções dadas. Desta forma e como de uma forma geral a turma era bastante irrequieta e possuía níveis de energia muito elevados, a melhor abordagem que encontrei para eles foi a redução dos tempos de pausa entre exercícios conseguindo assim

aumentar os níveis de concentração para a prática da atividade física. No mesmo período trabalhei ainda com a turma 12.4 do Curso CTD que se mostrou desafiante no sentido em que

a sua cultura linguística acerca das modalidades era elevadíssima ao passo que nos gestos técnico-táticos demonstravam grandes dificuldades. Mais uma vez, a turma mostrava-se pouco coerente apresentando altos níveis de interesse e empenho ao mesmo tempo em que o número de distrações aumentava. Ainda assim, esta turma sempre se mostrou bastante predisposta e prestável nas diversas atividades realizadas durante o ano.

O último período foi o que mais gosto me deu ensinar até porque aqui a minha segurança no papel de docente era mais elevada o que me fazia arriscar mais e confiar no meu instinto e decisões que dele derivassem. Acredito que dificilmente volto a cruzar-me com uma turma como a 12.1, turma de regência deste último período. Não tenho nada a apontar do desempenho físico nem social desta turma, os níveis de entajada, companheirismo e empenho foram de tal forma notáveis que me proporcionaram a hipótese de implementar o Modelo de Educação Desportiva (MED). Por último lecionei uma turma do curso TCPM composta apenas por raparigas que não praticam qualquer tipo de desporto fora do contexto escolar o que influencia diretamente a sua prestação nas aulas. Apesar de ser notória a sua evolução e responsabilidade nos momentos avaliativos e nas tarefas dadas esta turma ficou sempre marcada pelos conflitos criados entre si bem como pela falta de pontualidade.

Enquanto NPES, aquando o início do ano letivo foi-me apresentado pelo POC o desafio de trabalharmos diretamente com um aluno NEE com Trissomia 21. O aluno em causa devido à doença de que é portador apresenta falhas a nível motor e coordenativo apesar de por vezes fazer uso da doença e da atenção que recebe para se escapular de algumas tarefas quotidianas.

A par destas experiências vivi ainda o desafio de participar no DE numa modalidade que me é tão familiar, o andebol. Com esta oportunidade consegui-me aproximar mais dos pais das atletas bem como da comunidade escolar envolvida em todos os momentos do mesmo. Sinto que a maior diferença entre o andebol feminino e o masculino é o empenho e dedicação que deixamos em campo e fora dele. O sexo masculino por norma leva o corpo ao limite desafiando-se constantemente enquanto que o sexo feminino apesar de toda a entrega se limita ao expectável.

# *Capítulo III*

---

*Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção*

---

## 1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

*“O ensino é criado duas vezes: primeiro na concepção e depois na realidade”*

(Bento, 2003)

O processo de ensino acaba, eventualmente, por sofrer uma concepção de modo a preparar a realização do mesmo. Para a concretização desta mesma concepção é necessário conhecermos a escola e todos os seus intervenientes. É fundamental conhecermos as condições que a escola oferece, tanto aos alunos como aos professores, para assim iniciarmos o processo de ensino e aprendizagem.

Para garantir o sucesso de todo o processo a análise do Regulamento Interno, dos planos curriculares e do Programa Nacional de Educação Física é crucial sendo assim o primeiro passo para determinar os objetivos anuais da disciplina. Do mesmo modo, com o intuito de criar objetivos específicos e de acordo com as necessidades de cada aluno e de cada turma, a criação de uma ficha de caracterização é fundamental bem como a realização de uma avaliação diagnóstica e a formulação de uma grelha de avaliação.

Reunidas estas informações, chega assim, o momento de iniciarmos o planeamento de toda a prática. Porém, é de destacar o papel crucial do POC em todo este processo. Após uma reunião inicial ficou acordado que todas as semanas realizaríamos uma reunião de forma a apresentar os planos de aula para que, através da análise e da reflexão, fosse possível proporcionar um nível de ensino elevado bem como uma evolução constante de todos os intervenientes (Nóvoa, 2011).

### 1.1 Planeamento

Com o início do ano letivo torna-se imperativo a planificação do mesmo. Planear é o primeiro passo em direção ao sucesso e é uma ferramenta preciosa no ensino. Para isso e de forma a estruturarmos o mesmo surge a necessidade de dividirmos este momento em quatro etapas: planeamento anual, por período, por Unidade Didática (UD) e finalmente por planos de aula.

O planeamento anual dá-se a partir do momento em que nos contextualizamos quer a nível curricular quer acerca das instalações e do contexto escolar que nos espera. Quando o assunto é o planeamento curricular apesar de existir estruturado um documento com a planificação da disciplina de EF a escola recetora cedeu-me total liberdade na escolha da

modalidades e em que momentos abordar as mesmas. O facto de a Didáxis- Cooperativa de Ensino possuir excelentes condições para a prática desportiva, permite alargar o leque de possibilidades quanto às modalidades a serem exploradas. Especial atenção ao facto de durante o ano existir rotatividade de turmas e de modo a garantir uma maior e melhor prática da disciplina o planeamento anual foi feito de forma conjunta pelo NPES e pelo POC José Lopes. Alternar periodicamente de turmas passando por um total de seis durante o ano exige um planeamento rigoroso e metódico, mas trás como ponto positivo a oportunidade de trabalharmos diretamente com diferentes faixas etárias o que exige um crescimento pessoal e profissional mais elevado.

Após estabelecidos os objetivos iniciais e as modalidades a abordar em cada período chega o momento de planearmos cada uma delas de forma mais precisa. Para isto é importante ter consciência da rotatividade dos espaços (que neste caso ocorria semanalmente), o número e tempo de aula disponível e as turmas a quem iria lecionar. Assim, no início de cada período reunimos com o POC de forma a agilizar todo o processo quer para nós NPES quer para todo o corpo docente do departamento criando assim um documento em rede de forma a disponibilizar para o mesmo as modalidades a ser abordadas, os espaços necessários para as mesmas e os objetivos diários.

Para garantir a maior evolução de cada aluno e de cada turma em cada UD senti a necessidade de realizar numa primeira fase uma avaliação diagnóstica de forma a estruturar devidamente a partilha de conhecimentos nunca esquecendo o fator tempo e espaço. Por período tinha a meu dispor uma média de doze aulas de cento e dez minutos para duas UD o que por vezes impediu a exploração da totalidade dos gestos técnico-táticos. De frisar, que a planificação das mesmas exigiu da minha parte um estudo continuo não só das modalidades a serem lecionadas como também da melhor abordagem consoante a faixa etária que tinha a minha frente e que inicialmente se mostrou uma fragilidade. Durante o ano foram várias as modalidades por mim abordadas nomeadamente andebol, tag-rugby, testes de condição física, basquetebol, atletismo, exploração da natureza, ginástica de aparelhos, solo e acrobática. Ressalvo ainda que senti a necessidade de criar critérios avaliativos específicos para cada modalidade posteriormente aprovados pelo POC que me permitiram realizar uma avaliação informal e depois introduzidos na grelha de avaliação formal implementada pela escola.

Concluído todo este processo chega o momento de o pôr em prática nomeadamente através da implementação de um plano de aula. Neste caso seguindo uma estrutura disponibilizada pelo POC conseguimos estabelecer objetivos gerais e específicos para cada aula, o material necessário, o tempo de exercitação, os exercícios apropriados e os critérios de

êxito/ palavras-chave. Todos estes parâmetros são fundamentais para a realização e o sucesso da mesma.

Atendendo a complexidade deste processo acredito que a experiência que vamos adquirindo é sempre uma mais valia. Desta forma, e como seria espectável, surgiram-me alguns entraves. A construção dos exercícios, bem como uma adaptação dos mesmos à turma que tenho à minha frente criando uma progressão natural da aula foram aptidões que fui melhorando ao longo de todo o ano letivo e que resultou numa maior evolução pessoal, dos alunos e da relação criada entre ambas as partes.

## **1.2 Realização**

Com o início das aulas e terminada a primeira fase do processo de planeamento chegou o momento de passarmos à execução do mesmo. A realização assume-se como o momento em que pus em prática todos os conhecimentos e competências adquiridas durante a minha formação académica. Com base nos mesmos decidi ao longo do ano abordar diferentes perspetivas de ensino. O primeiro ano do MEEFEBS é direcionado para os mais variados modelos de ensino e vejo agora na PES a melhor altura para os pôr em prática de forma a potencializar os conhecimentos adquiridos e a criar a minha própria forma de lecionar.

Acredito ser expectável a utilização do Modelo de Instrução Direta na primeira fase da PES visto ser a abordagem mais utilizada e facilmente aplicável principalmente para quem se inicia agora no processo da docência. Este método permite uma aquisição de conhecimentos de forma gradual e monitorizada (Frosnot, 1998) criando assim uma relação de transmissor recetor onde o professor se torna a figura central do espaço de aula. Esta abordagem retira autonomia aos alunos tornando-os mais passivos conduzindo-os à realização do exercício sem analisarem o objetivo do mesmo (Hastie, 2012). Baseando-me neste modelo acabei por o colocar em prática durante o primeiro período com a turma de regência 7.1 onde lecionei andebol, ginástica, tag-rugby e realização de testes de condição física e com a turma 6.4 onde abordei andebol, desporto e dança conferindo-me mais segurança, estabilidade e a oportunidade de criar um clima favorável à aprendizagem desde o primeiro contacto com os alunos.

Com a evolução do ano e com a chegada do segundo período a confiança que tinha nas minhas capacidades eram superiores e como tal comecei a recorrer a ferramentas de ensino de forma a diversificar as minhas aulas e a forma como os alunos eram estimulados. Assim, fui-me guiando através do Modelo de Aprendizagem Colaborativa e do Teaching Games Understanding (TGU). O primeiro, visa a partilha de conhecimentos fazendo com que os alunos

com maiores facilidades se aliem aos que possuem maiores dificuldades ajudando-se mutuamente. Esta ferramenta foi fundamental para a turma 12.4 visto serem uma turma mais velha e já com bastantes conhecimentos técnicos em que a entreajuda resultou numa evolução visivelmente notória. Utilizei ainda esta abordagem com a turma 3TCPM de forma a estimular um bom ambiente de aula, conferindo-lhes um papel de relevância na aula de modo a aumentar o interesse pela mesma. Por sua vez, o TGU permite criar uma rotina diferente em aula estimulando a aprendizagem através do contexto jogo criando jogos reduzidos e maioritariamente táticos conduzindo ao desenvolvimento das suas capacidades cognitivas e posteriormente motoras aumentando assim o seu poder na tomada de decisão e compreensão do jogo que são os principais objetivos do modelo (Alcalá, Garijo, 2017). Desta forma esta ferramenta foi utilizada na turma 9.2 que se mostrou desde cedo bastante energética o que permitiu reduzir os compassos de espera levando a progressão constante da aula e dos alunos (O'Leary, 2016). Estes modelos embora tendo sido aplicados como ferramenta de ensino permitiram aumentar a autonomia, responsabilidade e dedicação para a prática de EF.

Durante o primeiro ano do MEEFEBS o Modelo de Educação Desportiva (MED) (Siedentop, 1994) foi bastante discutido por toda a comunidade educativa e de forma a explorar as potencialidades da PES decidi implementá-lo no terceiro período. O MED tem como princípio colocar o aluno no centro do ensino e aprendizagem (Metzler, 2011) conferindo-lhes um maior controlo e responsabilidade sobre as tarefas e gestão da aula (Dyson, Griffin, Hastie, 2004). Optei por implementar este modelo numa turma de 12º ano detentora de conhecimentos técnico-táticos de anos transatos possibilitando lhes também uma oportunidade de vivenciar o ensino e a prática de EF de uma forma completamente diferente do habitual.

Para a implementação do MED comecei por criar uma época desportiva com o nome “Liga Didaxis” com regulamento próprio e calendarização de forma a que todas as semanas ocorressem dois jogos, cada um deles com dez minutos, de forma a manter um espírito de competição ao longo de todo o período. Desta forma, e com base na observação e caracterização da turma, construí quatro grupos e para cada grupo nomeei um capitão/treinador. Cada grupo ficou encarregue em atribuir um nome à equipa, bem como em construir um grito, um grupo no Facebook e equipamento para a mesma. Como o método assim o pede a cargo do capitão/treinador ficou a escolha semanal de um árbitro, de um repórter e de um preparador físico/ técnico de equipamento. Ficou ainda encarregue da gestão da equipa e de cada aula tendo assim que orientar as mesmas segundo o plano de aula construído por mim. Como seria expectável, ao árbitro, conferi a responsabilidade por todo o conhecimento técnico e das regras do jogo, ao repórter a atualização de todos os acontecimentos decorridos no espaço aula e em

prol da mesma enquanto que, o preparador físico/ técnico de equipamento ficou encarregue pelo material necessário para o decorrer de toda a aula bem como da ativação geral da mesma.

Considero importante referir que senti algumas dificuldades na implementação do MED, nomeadamente na passagem do papel de professor para o papel de facilitador das aprendizagens dos alunos. O meu nível de intervenção foi reduzindo passando a transmitir as informações somente aos capitães/treinadores e não à turma em geral. Como consequência, estava bastante apreensivo quanto ao modo como as instruções eram transmitidas dos capitães/treinadores para a restante equipa e o tempo elevado de transição de exercício para exercício o que compromete a absorção de conteúdos tal como refere Waallhead e O'Sullivan (2007) notando que os treinadores podem demonstrar dificuldades ao nível da instrução, nomeadamente na apresentação de tarefas e emissão de feedbacks. Noto ainda que o facto de a equipa criar uma ligação de dependência para com o capitão/treinador bem como treinar durante toda a lecionação da modalidade com os mesmos elementos dificulta a evolução individual de cada aluno.

Por contrapartida, as vantagens deste modelo para a prática da EF são inúmeras. O facto de os cargos serem rotativos permite que cada um dos envolvidos enquanto membro da equipa desempenhe todas as funções possibilitando assim uma maior absorção de competências fundamentais como autonomia, responsabilidade e liderança (Araújo, 2017). É possível observar através das reportagens realizadas pelos alunos um maior nível de empenho na aula e em prol da mesma bem como da motivação gerada pela competição constante.

*“Mal as equipas foram formadas, receberam um pequeno e cansativo alongamento/ competição que levou esta fabulosa equipa a se esforçar ao máximo, o que fez com que (até) o Nuno Mirra se sentisse motivado a apresentar interesse pela competição”*

*“O balanço desta novidade foi positivo, visto que os alunos se sentiram motivados pelo seu dinamismo. Apesar de não ser o desporto de eleição desta turma, esse entusiasmo foi refletido nos diversos exercícios da modalidade que praticaram, basquetebol.”*

Friso ainda que o sucesso da implementação deste modelo lucrou muito com a turma que seleccionei para tal. A entrega que todos os alunos fizeram sentir bem como, as competências anteriormente adquiridas sobre a modalidade explorada foram uma mais valia.

O sucesso da implementação de qualquer perspectiva de ensino depende invariavelmente da forma como é instruída. Considero essencial transmitir de forma clara, objetiva e concisa de

forma a captar a atenção dos alunos levando a uma maior compreensão dos exercícios propostos. Finalizada a explicação inicial a demonstração é imprescindível garantindo assim a execução correta dos gestos técnico-táticos salientando a importância de todo o tipo de feedbacks.

Quando o assunto recai sobre a gestão da aula há vários fatores a serem considerados. Gerir uma aula é como gerir um “campo de batalha” onde tudo tem que ser pensado ao pormenor e onde tudo pode acontecer. A abrangência da faixa etária (dos doze aos dezoito) exigiu da minha parte uma maior flexibilidade para conseguir tirar o maior proveito de cada um deles e da turma como coletivo. Não obstante, a criação de rotinas foi fundamental para a organização das aulas. Desta forma, tentei em todas as turmas a meu cargo criar rotinas para introdução de exercícios e reformulações onde a um apito e os dois braços no ar os alunos respondiam correndo na minha direção e sentavam-se no chão. Quando queria emitir feedback para toda a turma apitava uma vez e levantava apenas um braço e os alunos paravam de imediato para me ouvir. Quando ouviam um apito e uma palma eles sabiam que era o momento de arrumarem todo o material. Esta implementação de rotinas, somadas à minha evolução pessoal durante este ano, permitiu-me, cada vez mais, gerir melhor o espaço e tempo, os quais se apresentava como uma fragilidade inicial o que foi vindo a ser colmatado com hábitos como a montagem do primeiro espaço de exercícios bem como a divisão das turmas em grupos do início ao fim da aula. Algo que também fui melhorando ao longo do ano e que me permitiu tirar um maior proveito do tempo de aula foi o meu próprio posicionamento no espaço. Muitas vezes, acontecia ter à minha disposição três campos, o que por um lado me permitia realizar vários jogos em simultâneo não deixando ninguém de fora, mas que tinha como contrapartida o facto de, por vezes, me encontrar de costas para um grupo o que na transmissão de feedbacks e mesmo no controlo da turma resultava numa fragilidade. A minha dificuldade em projetar a voz também não ajudava, no entanto a partir do momento em que me consciencializei do espaço a meu dispor, bem como do melhor local para me ir posicionando ao longo da aula, consegui não só aumentar o controlo que tinha sobre a turma, como o empenho dos alunos que aumentava substancialmente quando sentiam que estavam a ser observados.

Avaliando este ano as minhas maiores dificuldades recaíam na escolha dos exercícios tendo em conta o nível em que os alunos se encontravam mesmo tendo a meu dispor a avaliação diagnóstica. Percebi ainda que o horário e o dia da aula fazem toda a diferença no desempenho da turma. As aulas da parte da manhã correm sem grandes percalços, os níveis de atenção e empenho são mais elevados o que gera maiores resultados ao passo que lecionar da parte da tarde condiciona todo o processo de ensino devido aos alunos terem uma carga horária extensa

e não conseguirem manter o nível de concentração e motivação ao longo do dia. O mesmo acontece à sexta feira, depois de uma semana inteira de aulas os alunos só esperam que o dia decorra o mais rápido possível para descansarem o que destabiliza o funcionamento da aula.

Senti ao longo de todo o processo que a cultura desportiva que acompanhou toda a minha formação e adolescência não é a mesma dos dias de hoje e daí a minha dificuldade inicial. Os jovens apresentam não só uma falta de motivação como dificuldades acrescidas no que toca a prática desportiva. As suas Capacidades Motoras Condicionantes e Coordenativas (CMCC) são extremamente reduzidas o que faz com que a sua resposta aos exercícios e estímulos dados seja mais lenta e por sua vez a sua margem de evolução mais reduzida. Desta forma, para além de ter a necessidade de reduzir o nível dos exercícios programados tive também que apostar em exercícios com um nível mais prático do que analítico de forma a manter os níveis de empenho elevados. Percebi ainda que é necessário estar disponível para realizar ajustamentos ao longo da aula. Reduzir ou aumentar a duração de um exercício ou inserir novas condicionantes ao mesmo faz com que a turma corresponda de forma positiva durante um maior período de tempo.

Desta feita, com a implementação de rotinas, escolha de exercícios indicados para o nível em que os alunos se encontravam e o melhor posicionamento resultou num menor tempo entre a transição de exercícios o que fez com que conseguisse assim abordar um maior número de gestos técnico-táticos dentro de cada uma das modalidades abordadas.

Será importante realçar que todo este processo evolutivo aconteceu à medida que fui conhecendo cada vez mais os alunos que tinha a meu cargo e o que gerava muitas das suas reações. O facto de acompanhar as turmas ao longo de todo o ano, seja no momento de regência ou observando quando as mesmas estavam a cargo dos meus colegas do NPES, fez com que a partir de um certo momento se tornasse mais fácil prever a reação dos alunos e o empenho dos mesmos para cada tipo de exercício e modalidade.

Apesar de ser possível aglomerar os diferentes alunos que tive a meu encargo ao longo do ano em grupos é impossível afirmar que são todos iguais. Cada um deles traz consigo uma bagagem diferente, própria da faixa etária e das experiências pessoais e, por isso mesmo, cada um deles reage de uma forma díspar aos estímulos e aos feedbacks que lhes transmitia. Criar esta individualidade nunca esquecendo o grupo turma foi um processo moroso, mas necessário. O POC sempre enalteceu que o sucesso das aulas era anteciparmos qualquer hipótese de problema para assim conseguirmos lidar no caso de algo vir a acontecer. Em retrospectiva, sinto que o momento em que me reunia com os meus colegas do NPES juntamente com o POC no final de cada aula teve um papel de extrema importância na minha evolução. Os feedbacks transmitidos bem como soluções para problemáticas que iam surgindo ao longo das

aulas e com considerações a aspetos possíveis de melhorar no meu desempenho fizeram com que tivesse uma constante noção das minhas fragilidades e de como as superar. Não esquecendo ainda que a possibilidade de observar as aulas dos meus colegas da PES permitiu-me experienciar abordagens diferentes no que toca a lecionação da prática da EF.

### 1.3 Avaliação

No decorrer do processo de ensino, a avaliação apresenta-se como o método de “reconhecer, diagnosticar, desenvolver e valorizar a expressão individual” (Bratfische, 2003). Desta forma, torna-se crucial a implementação de uma avaliação contínua de forma a potencializar a evolução da parte mais importante do processo, os alunos.

Admito que o processo de avaliação se revelou mais difícil do que idealizava. O facto de a escola possuir um documento à partida definido com os níveis de avaliação, não me facilitou o trabalho porque senti que por vezes as notas não correspondiam realmente ao que o aluno merecia. A existência de um modelo rígido de avaliação tem como objetivo uniformizar a avaliação não só da turma a que é aplicada, mas como de toda a comunidade escolar sobre quem essa avaliação recai. Todavia, sinto que essa falta de liberdade criteriosa ao nível da avaliação restringe o professor e prejudica os alunos avaliados. Particularmente, pela perspetiva que me foi proporcionada ao longo deste ano, tendo que avaliar no total treze unidades didáticas entre as seis turmas que tive a meu cargo, nenhuma das turmas se assemelhou a outra. Deparei-me com diferentes faixas etárias e, por conseguinte, personalidades e níveis de evolução completamente díspares. Avaliá-los segundo os mesmos parâmetros e com toda a inexperiência que possuía tornou-se por vezes complicado e moroso.

Apesar de não ter total controlo sobre a avaliação sumativa pois temos controlo sobre os critérios mas não sobre a percentagem dos mesmos, a avaliação diagnóstica bem como a formativa ficaram à minha total responsabilidade o que me permitiu potencializar a evolução coletiva e individual de cada turma. Desta forma, iniciei cada modalidade com a avaliação diagnóstica permitindo-me ter uma melhor noção dos conhecimentos adquiridos anteriormente, bem como das dificuldades, de forma a assim conseguir construir um plano de ensino adequado a cada modalidade em questão. De salientar que o único momento em que esta avaliação não aconteceu foi no primeiro período com a turma 7.1 quando lecionei tag-rugby onde nenhum elemento da turma tinha qualquer tipo de noção da modalidade a abordar.

A avaliação diagnóstica tornou-se assim uma ferramenta indispensável para todo o planeamento das unidades didáticas, ao passo que, a avaliação formativa teve um papel

fundamental ao longo de toda a realização. De facto, esta modalidade de avaliação permitiu, através da observação e reflexão contínua acerca de cada aluno e da turma, reformular e ajustar todo o planeamento para a evolução dos mesmos. A avaliação formativa permitiu, por exemplo, ajustar o plano de aula aos diferentes níveis que existiam dentro da turma.

Ao contrário do que aconteceu com as avaliações anteriormente referidas, a avaliação sumativa não foi apenas realizada através da observação direta apesar de ter sido o mais recorrente. Assim foi imprescindível para mim a utilização de uma câmara para poder realizar uma avaliação mais calma e ponderada. Utilizei este método para a avaliação da coreografia de ginástica acrobática da turma 3 TCPM bem como para avaliar o solo de ginástica na turma 12.4 onde por impossibilidade de tempo de avaliar toda a modalidade fui auxiliado pelos meus colegas da PES que filmaram a avaliação enquanto eu procedia a restante avaliação. A turma 3 TCPM realizou ainda uma prova de exploração da natureza para avaliação sumativa ao passo que, a turma 12.1 onde explorei o modelo de educação desportiva foi avaliada ao longo de todo o período até porque alternando de cargos ao longo de toda a modalidade fez sentido para mim avaliar o desempenho deles em cada cargo.

Como referi inicialmente, a avaliação sumativa foi a que me trouxe mais entraves, sobretudo no primeiro período, em que não me sentia tão confortável a avaliar outras pessoas. Para além da reduzida experiência sentia muito o peso de avaliar os alunos até porque cada vez mais somos “catalogados” pelas notas finais e, a este respeito, o POC facilitou muito todo o processo deixando-me muito à vontade para partilhar estes receios iniciais.

A autoavaliação já é uma prática implementada pela escola e por isso é hábito dos alunos levarem a caderneta com a sua proposta de nota para a aula de avaliação. Este hábito é lhes inculcado desde o momento que ingressam na escola de forma a fomentar valores como ponderação, responsabilidade e auto-reflexão ao mesmo tempo em que os encarregados de educação tem conhecimento da auto e hetero avaliação dos educandos.

#### 1.4 Construir e (re)construir o conhecimento: impactos da minha experiência e atuação

*“Quem achamos que somos influencia o que fazemos (...) [e] também nos tornamos quem somos por causa do que fazemos”*

Watson, (2006)

O conhecimento que possuímos é adquirido através das experiências que vivemos, das pessoas com quem nos relacionamos, do contexto em que crescemos e com base em múltiplos fatores vamos construindo e reconstruindo a nossa própria identidade e por consequente o nosso conhecimento. Gee (2000) defende que a identidade de um indivíduo podia mudar em função do momento e do espaço com o qual o mesmo interagiu considerando identidade um conceito mutável chegando a afirmar que todas as pessoas têm múltiplas identidades adaptando-se ao papel/função que desempenham. Batista, (2014, p.14) reforça a ideia de que a identidade se “constrói e reconstrói no tempo, no espaço e em interação”. Desta forma, podemos concluir que o conhecimento evolui lado a lado com a nossa própria identidade sendo um processo contínuo e progressivo.

Quando o assunto é a PES é fácil constatar que é a primeira ferramenta à nossa disposição para articularmos a teoria com a prática, é o diminuir do fosso entre os ideais do ensinar e do aprender (adquiridos no ISMAI) e as práticas implementadas na escola. Assim, ao iniciarmos a PES estamos a caminhar em direção a construção da nossa identidade enquanto docentes. Atendendo a todo este processo acredito que a maior dificuldade em lecionar é a necessidade constante de reconstruirmos os nossos conhecimentos, as nossas abordagens e a forma como lidamos com todas as variáveis com as quais somos confrontados constantemente (Silva et al., 2014).

Como referi anteriormente este é um processo interativo no sentido em que aquilo que somos é diretamente influenciado pelas pessoas e situações com as quais interagimos. Dessa forma, penso ter contribuído para uma reconstrução de conhecimentos (através da observação, da partilha e da reflexão) dos meus colegas do NPES bem como do POC, assim como também eles foram uma parte fulcral da minha evolução. Espero ainda ter contribuído para o progresso destes alunos tanto a nível escolar como pessoal. Mais do que garantir o sucesso escolar dos alunos, o meu principal objetivo foi motivá-los para a prática desportiva e para um estilo de vida saudável garantindo assim que mesmo findado os seus percursos académicos se mantenham os hábitos de vida saudáveis.

## **2. Participação na escola e Relação com a comunidade**

### **2.1. Atividades realizadas**

Durante o decorrer deste ano letivo, fui desafiado das mais diferentes formas a participar nas diferentes atividades levadas a cabo por nós, NPES, e por toda a comunidade educativa. É importante frisar que a Didáxis-Cooperativa de Ensino é uma escola rica em tradições e nas relações comunitárias.

#### S. Martinho na Didáxis

Já é hábito a escola realizar todos os anos uma atividade comemorativa do dia de S. Martinho e este ano não foi exceção. A organização da mesma foi uma colaboração do corpo docente e não docente e teve como público alvo o 5º, 6º e 7º anos de escolaridade. Os alunos apreciam atividades deste cariz, pois resultam em momentos de divertimento, folia e alegria constante, enquanto que para a restante comunidade é uma oportunidade de estreitar laços afetivos, um dos principais objetivos do projeto educativo onde a vertente social, afetiva e comunitária esta presente.

Enquanto NPES, ficamos encarregues de acompanhar o aluno de NEE criando aqui um excelente momento de integração com toda a instituição escola, mas sobretudo com os alunos das outras turmas de forma a criarmos oportunidades de enriquecimento psicológico e social. É importante realçar que para nós foi também a primeira oportunidade para nos integrar e interagir com toda a comunidade escolar.

#### Corta Mato Escolar e Distrital

O corta mato escolar é uma atividade que ocorre todos os anos e que engloba desde o 5º ano ao 12º ano de ensino sendo por isso a primeira atividade desportiva e de integração para o total dos alunos contando com mais de trezentos participantes distribuídos pelos vários escalões etários.

A organização do Corta Mato Escolar ficou a cargo do NPES e contou com a ajuda do Grupo de EF bem como dos alunos do 10º e 11º ano do Curso CTD, do Curso Profissional de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos, os quais tiveram aqui uma oportunidade de pôr em prática os conhecimentos adquiridos até aqui, bem como o apoio dos Bombeiros Voluntários de Riba de Ave. A atividade decorreu na manhã de doze dezembro, tendo como

objetivo da participação, a prática desportiva e o apuramento para o Corta Mato Distrital que se veio a realizar no dia oito de fevereiro no Complexo Desportivo Gémeos Castro em Guimarães.

#### Aula Experimental de Alex Jiu Jitsu

Ao longo do ano decidimos convidar um mestre de Alex Jiu Jitsu com o intuito de demonstrar e proporcionar duas aulas da modalidade à turma 12.4 de forma a aumentar e diversificar os conhecimentos dos alunos bem como dos nossos.

Para os alunos estas aulas foram bastante produtivas, mantiveram-se motivados e extasiados por observarem e conseguirem implementar alguns movimentos de defesa o que foi muito gratificante para nós NPES não só por assistirmos ao empenho e dedicação notória mas por também nós termos adquirido novos conhecimentos.

#### Globos da Didáxis

Os globos da Didáxis visam premiar o trabalho realizado no ano letivo anterior, nomeadamente 2016/2017, sendo que a escolha dos premiados fica a cargo da escola, a apresentação ao encargo dos alunos e toda a organização ao corpo docente e não docente. Foi precisamente na organização que fomos convidados a participar na montagem do espaço.

#### Almoço de Natal com a turma 7.1 e com os Professores

De há alguns anos para cá vem sido costume a realização de um almoço de natal, onde as turmas são distribuídas por salas e a cargo da mesma fica toda a decoração bem como as sobremesas. Estes dois pontos serão avaliados por um júri composto por professores onde consta a Diretora da Escola que por sua vez é também diretora de turma da 7.1 e por isso encontrava se indisponível para acompanhar a turma no almoço de natal. Sendo a minha turma de regência no primeiro período, a diretora de turma pediu me para ser eu a realizar esta tarefa, a qual ocorreu durante toda a manhã. Após a avaliação da sala e das sobremesas os alunos deslocaram se à cantina para levantarem o seu almoço e regressaram à sala onde almoçamos todos juntos. Foi uma excelente oportunidade para conseguir conviver e conhecê-los melhor num espaço fora de aula, no entanto acredito que tenha que existir um cuidado redobrado de forma a não ultrapassar a barreira professor-aluno.

No dia seguinte, tivemos ainda a oportunidade de participar no almoço de natal com todos os professores da instituição. Foi uma excelente oportunidade para interagirmos com muitos dos docentes de outros departamentos com os quais ainda não tínhamos conseguido ter

tanto contato. Serviu também como um momento de interação mais descontraído com o departamento de EF.

#### Colónia de Férias de Natal e Páscoa

Durante as Férias de Natal e da Páscoa fomos convidados a dinamizar uma das tardes da colónia organizada pela escola. A colónia está à disposição de todos os alunos que se queiram inscrever, sendo que o aluno mais novo pertencia ao 1º ano e o mais velho ao 6º ano de escolaridade. Numa das tarde que ficou a nosso cargo, dinamizamos diferentes jogos, sendo que na outra realizamos um pedipaper tendo sempre como objetivo primordial que os alunos se movimentassem, assumindo que a criação desta colónia visa afastar os jovens do sedentarismo cada vez mais comum nas novas gerações.

Para nós enquanto NPES foi a oportunidade de interagirmos com outros alunos que não os que estão a nosso encargo fora do contexto de aula e de tudo o que o mesmo implica.

#### Visita de estudo a Mafra e Lisboa

No dia dez de janeiro, os alunos do 12º ano realizaram uma visita de estudo a Mafra e a Lisboa. Esta visita teve como objetivo introduzir de forma inovadora e apelativa a obra “O ano da morte de Ricardo Reis” de José Saramago, inserida no programa da disciplina de Português. Para além da dramatização da obra encenada pela companhia ÉTER no Palácio Nacional de Mafra, os alunos ainda tiveram a oportunidade de visitar Lisboa e os locais mencionados na obra pelos olhos e orientação da Fundação José Saramago, o que lhes permitiu um maior aprofundamento e compreensão da mesma.

Pessoalmente, acredito que estas iniciativas resultam numa maior motivação e interesse não esquecendo, que é uma forma muito interessante e criativa de lecionar. Para nós, NPES, que fomos a acompanhar as turmas com as professoras de Português estas são atividades que enriquecem não só o nosso percurso, mas também a relação com docentes de outros departamentos que tal como nós se relacionam diariamente com estes alunos em particular.

#### Aula de Surf e Bodyboard da turma 7.1 e 12.1

No âmbito do PES e através do desporto escolar organizamos uma aula experimental na modalidade de Surf e Bodyboard para os alunos da turma 7.1 e 12.1 em Matosinhos com a supervisão e orientação do Professor José Lopes e do Centro de Formação Desportiva de Leça da Palmeira. Com esta aula o nosso objetivo era fomentar a prática do Surf e Bodyboard, desenvolver a eficiência dos gestos técnicos, melhorar as capacidades físicas, promover um

estilo de vida ativo e saudável e proporcionando um contacto direto com a modalidade. Atividades deste âmbito são sempre bem aceites e enriquecedoras pois são um método de aumentar a nossa cultura desportiva.

### Projeto transdisciplinar O Mundo de Sophia de Melo Brayner

A escola desenvolveu um projeto transdisciplinar, cada disciplina tinha que trabalhar como tema central O Mundo de Sophia de Melo Brayner e envolvidos nesse projeto desafiamos a turma 7.1 a apresentar Polka- uma dança tradicional Dinamarquesa associando-se assim a um dos livros mais emblemáticos da escritora O Cavaleiro da Dinamarca.

### Didaxíadas

No último dia do 2º período, dia vinte e três de março, o NPES organizou a sua grande atividade. Didaxíadas consistiu numa miniolimpíada de atletismo com 5 modalidades a serem avaliadas, sendo elas lançamento de dardo, 30m de velocidade, salto em comprimento, corrida de resistência e corrida de estafetas. A atividade tinha como público alvo o 2º e 3º ciclo do ensino regular e, tal como nos jogos olímpicos, também nas nossas olimpíadas os alunos tiveram que prestar provas de qualificação intra turma, sendo que se apuravam para as provas gerais os dois melhores de cada modalidade.

Para a realização de toda a atividade contamos com o apoio do departamento de EF bem como das turmas de 11º e 12º ano do Curso CTD. Desta forma, foi possível executar as provas de corrida de resistência e corrida de estafeta no exterior e as restantes provas no pavilhão.

Os alicerces da atividade eram a promoção da atividade física, desenvolver o gosto pela prática do atletismo, promover valores inerentes ao desporto (como competição, fair-play, respeito, socialização e cooperação) bem como fortalecer a nossa relação com a comunidade escolar algo que penso termos conseguido atingir visto ser o último dia de aulas e os alunos terem a sua disposição uma série de atividades e mesmo assim ter eleito a nossa para participar e assistir.

De forma a destacar e comemorar o sucesso da atividade Didaxíadas organizamos no polivalente da escola uma entrega de prémios presidida pela Doutora Irene Santos, Presidente da Direção Pedagógica, e com a ajuda do POC José Lopes. Este momento visou a entrega de diplomas aos melhores classificados dos diferentes escalões e modalidades. Esta atividade foi avaliada de forma positiva tendo sido considerada uma atividade sem precedentes e pela voz da Dr.<sup>a</sup> Irene foi um marco na história da instituição.

### Ambientes mágicos no Sea Life

No âmbito do projeto transdisciplinar Ambientes Mágicos, a turma 5.2 “mergulhou” na profundidade dos oceanos durante a visita que efetuou, no dia vinte de abril, ao Sea Life do Porto, o maior aquário do Norte do país. Os alunos tiveram aqui a oportunidade de explorarem os mares, alimentarem raias e assistirem a um biólogo marinho a alimentar pequenos tubarões. Após a visita e um animado piquenique eu e o meu colega da PES Rui Resende dinamizamos um conjunto de jogos de forma a terminar o dia da melhor forma.

### Visita de Estudo - Serra da Estrela

De forma a aumentar e diversificar os conhecimentos das turmas do 10º e 11º do Curso CTD e Dinamização da Atividade Física a professora de EF Ana Andrade, encarregue pelas turmas, dinamizou uma atividade, na qual auxiliámos e participámos, nos dias vinte e cinco e vinte e seis de abril. A visita de estudo consistiu numa deslocação à Serra da Estrela e visita à Torre, onde os alunos realizaram uma formação prática na estância de Ski. Foi proporcionado aos alunos a oportunidade de adquirirem as bases da modalidade conseguindo assim circular livremente por toda a estância. Desta forma foi possível reforçar relações interpessoais, aumentar os conhecimentos desportivos e sensibilizar para a prática de modalidades não tão comuns.

### Seminário

No decorrer do segundo ano do MEEFEBS tivemos, a passo da PES, a realização de um projeto de investigação que teve como objetivo o estudo dos efeitos da aula de EF no desenvolvimento das CMCC. Para a realização desse mesmo estudo, recorremos a duas turmas de 6º ano onde avaliamos as suas capacidades de velocidade e agilidade sendo que cada uma tinha um teste específico, o de vinte metros em corrida reta e o de mudança de direção.

Durante o decorrer do estudo realizamos uma avaliação inicial para assim saber o tempo que cada aluno demora a fazer os testes. Prosseguimos com a divisão em grupo de controlo e experimental de forma aleatória para no fim ser possível comparar dados. Ao grupo experimental aplicamos um plano de treino de sete semanas com aprovação do Professor Rui Marcelino com a duração de oito minutos no início de cada aula, terminando o plano de treino com uma avaliação final. No que diz respeito as conclusões que retiramos foram tidos em conta os seguintes parâmetros: idade, altura, peso, género, pratica ou não de desporto fora do contexto escolar.

Devido ao facto do projeto de investigação ser extremamente prático e de termos ao longo do ano contacto com as diferentes turmas do curso CTD decidimos, enquanto NPES, partilhar com os alunos e toda a comunidade que tão bem nos recebeu este ano os nossos resultados com vista a aumentar o interesse pela prática desportiva através de resultados visíveis onde é possível verificar uma melhoria significativa, neste caso em velocidade e agilidade, em apenas sete semanas com treinos de oito minutos.

Dessa forma, direccionamos o seminário as turmas de desporto e a todo o departamento de EF com vista a promover uma sensibilização para um aumento do foco para as CMCC e não apenas para as modalidades tradicionalmente abordadas.

### Desporto escolar

Ao longo do ano, tive a oportunidade de treinar uma equipa feminina na modalidade de andebol no âmbito do DE. Assim, acompanhei as treinando uma vez por semana, participando inicialmente nos três encontros de jogos da primeira fase conseguindo o apuramento para os três encontros seguintes de onde saíra o novo campeão distrital.

O facto de ter passado a minha adolescência a praticar a modalidade fez com que assegurasse um carinho pela mesma e daí ter aceite tão prontamente o desafio. Não obstante a realidade encontrada foi consideravelmente diferente daquilo que esperava. A modalidade no contexto aqui explicito é abordada de forma diferente mudando inclusive algumas regras do jogo o que levou a necessidade de uma adaptação da minha parte. Dificultando ainda todo o processo saliento a postura e entrega das atletas que apesar de ser notório o gosto pela modalidade não se dedicavam realmente a ela, não obtendo assim os resultados que tanto ansiavam. Em suma, a experiência fez-me desejar voltar a treinar uma equipa de andebol.

## **2.2 Socialização profissional e institucional**

As relações interpessoais fazem parte do dia-a-dia do ser humano e como tal seria impensável passar por todo este processo sem criar ligações com todos aqueles que partilharam um pouco de si comigo. Neste sentido, desde cedo foi notória a abertura e disponibilidade de todo o corpo docente e não docente não só para comigo, mas como para todo o NPES. De ressaltar que este espírito de entreatajuda fez-se sentir por toda a comunidade escolar, independentemente do departamento a que pertenciam (no caso dos professores), ou as tarefas a qual estavam alocados (no caso dos funcionários), durante todo o ano letivo. Não posso deixar de referir, porém, que devido às dimensões da escola e de os espaços de exercício à prática

desportiva se encontrarem distanciados dos restantes departamentos, a partilha de vivências foi maior dentro do departamento. Enquanto NPES fomos colmatando esta divisão mesmo através das atividades que fomos realizando e que fomos acompanhando ao longo do ano por sentirmos que era importante criar uma ligação com o restante corpo docente até porque também eles lidam com os mesmos jovens que nós e é interessante compararmos o comportamento dos alunos nas mais diferentes situações.

Uma parte fundamental da minha evolução ao longo do ano foi o NPES. Como já referido o espírito de entreajuda foi uma constante e por isso a partilha de conhecimentos, de abordagens e de opiniões permitiu criar uma melhor dinâmica em contexto de aula bem como fora dela.

O POC mostrou-se sempre recetivo a ajudar assumindo aqui um papel de intermediário entre o corpo docente e o NPES, facilitando a intrusão em contexto escolar e auxiliando-nos no desenvolvimento dos conhecimentos até agora adquiridos.

Fazer parte desta instituição, da dinâmica e das tradições foi um processo gratificante e que resultou num enorme crescimento pessoal.

### **2.3 Fazer aprender para lá da aula: impactos da minha experiência e atuação**

*O papel do professor não se limita a proporcionar condições para o sucesso da disciplina, mas sim de contribuir para o desenvolvimento do aluno fisicamente, social e psicologicamente.*

Nóvoa et al. (2008)

São os professores de EF que mais conhecem os alunos pois é nas nossas aulas que eles têm a oportunidade de mostrar os traços mais característicos da sua personalidade e onde demonstram as suas frustrações, mas também os sucessos e alegrias.

Cada vez mais o tempo que o programa educativo destina a prática desportiva é reduzido focando-se cada vez mais nas disciplinas científico-humanísticas, o que gera uma falta de interesse das gerações mais novas para o desporto o que complica desta forma o nosso papel. É notória a dificuldade em motivar os alunos, mantendo os interessados e fazendo com que seja possível eles confiar em nós, mas a realidade é que, a partir do momento em que os alunos se sentem num ambiente seguro, as melhorias no desempenho escolar e na sua relação com a comunidade é notória. A evolução, a competitividade saudável, a noção de indivíduo vs equipa, a noção de corpo, limites, espaços e tantos outros fatores possíveis de desenvolver nas aulas de

EF permitem não só um resultado académico positivo na nossa disciplina como também um excelente desempenho nas relações interpessoais e em todo o ambiente escolar (Bailey, 2009).

Um exemplo prático disto mesmo é o MED já aqui mencionado anteriormente. No meu caso a modalidade abordada foi basquetebol, mas de uma forma geral este modelo de ensino permite que os alunos continuem o trabalho que desenvolvem nas nossas aulas fora das mesmas. Por outras palavras o facto de os alunos terem que preparar as aulas com antecedência permite que eles adquiram valores como responsabilidade, autonomia, liberdade e criem assim um espírito de comprometimento não só para com a disciplina como para com os colegas do mesmo grupo. A possibilidade de eles irem alternando de cargos ao longo do modelo reforça as competências acima mencionadas o que resulta numa maior confiança neles próprios e no outro.

Se por um lado pretendemos influenciar positivamente os jovens à prática de exercício físico e de um estilo de vida saudável através do treino do corpo por outro, através da forma como comunicamos, como os levamos a estabelecer objetivos diários, superar limites e a trabalhar em equipa conduzimo-los a um treino psicológico.

Daí, surge a necessidade que sentimos ao longo do ano de criar atividades dinâmicas e diversificadas, dentro e fora do espaço aula de forma a evidenciar perante os alunos as vantagens da prática desportiva e os efeitos da mesma na vida deles. As atividades realizadas visavam promover o conhecimento de novas modalidades dificilmente abordadas em contexto escola. Do mesmo modo, sempre foi um objetivo nosso promover a competitividade saudável de forma a estimular as relações entre alunos e turmas.

### **3. Desenvolvimento profissional**

É impensável acreditar que chegando até aqui chega também ao fim a nossa formação. O ano da PES apresenta-se a meu ver como o ano de transição. É o ano em que aglomeramos toda a nossa formação académica, desportiva e toda a experiência que temos como alunos e somamos a tudo isto esta nova caminhada, a lecionação. No processo é natural surgirem dificuldades bem como ponderar a imperatividade da formação contínua.

#### **3.1 Dificuldades e necessidade de formação**

Ao iniciar a PES foram muitas as questões que me assolaram, desde a interrogação se as competências até agora obtidas seriam suficientes e se seria capaz de transmitir e conduzir o

ano, de forma a alcançar os objetivos que tinha proposto para mim e com os quais me tinha comprometido com os meus alunos, com o NPES e toda a comunidade escolar.

A elaboração do primeiro plano de aula, a primeira aula, as primeiras adversidades foram difíceis de lidar tendo em conta todas as variáveis a que estava sujeito, mas a realidade é que à medida que o tempo ia passando também essas mesmas dificuldades iam diminuindo. A confiança que tinha na minha formação e nas competências adquiridas até então fizeram com que me sentisse cada vez mais seguro a lecionar.

Apesar de sentir que os pilares do meu conhecimento eram sólidos não posso deixar de destacar situações específicas mais difíceis de contornar. Particularmente no início do ano em que nos vimos encarregues de um aluno de dezassete anos com NEE. Uma vez por semana, neste caso à terça-feira, durante cinquenta e cinco minutos, ele era da nossa responsabilidade. O objetivo desta “aula particular” sempre foi estimular o desenvolvimento motor do aluno em causa e, desta forma, ir trabalhando as suas capacidades cognitivas. Quando nos deparamos com uma turma mais irrequieta ou até mesmo problemática temos consciência que a forma como intervimos terá que ser diferente, mas no final de algumas aulas vamos percebendo o que funciona ou não com a turma em causa. Porém, quando nos deparamos com um aluno de NEE, onde as suas capacidades cognitivas foram muito pouco ou nada estimuladas, sem fazer referência às capacidades motoras, traduz-se numa dificuldade acrescida. E não tendo plena noção de quais as suas reais limitações/incapacidades motoras e intelectuais a escolha de quais os exercícios mais adequados tornam-se difíceis de idealizar. Se acrescentarmos a tudo isto o comportamento temperamental e a imprevisibilidade do aluno, a parte mais complexa do processo não é adequar exercícios as suas necessidades, mas sim conseguir lidar com ele. Assim sendo, as conclusões que retiro desta aprendizagem, é que a formação que obtive até agora não me preparou para casos como este, mas sinto também que existe um número muito reduzido de profissionais de ensino que saibam estimular alunos com NEE. Neste sentido fui por diversas vezes procurar informação, mas devido a especificidade de cada caso tornou-se difícil. Ainda assim, procuramos sempre trabalhar da melhor forma possível com o aluno.

Atendendo ao facto de lidarmos diariamente com crianças e jovens, o nível de alerta é constante. Para cada exercício que planeamos temos sempre que avaliar o risco do mesmo de forma a prevenir lesões ou acidentes, mas, ainda que exista toda uma precaução nesse sentido não estamos livres de que isso aconteça e quando assim é temos que atuar imediatamente. Por esse motivo a formação em primeiros socorros é indispensável para assim podermos agir e reagir da forma mais adequada em cada situação. Assim, mesmo tendo a disciplina de primeiros socorros e traumatologia acredito que a formação contínua nesse sentido é essencial.

Uma das modalidades em que senti dificuldades em lecionar foi ginástica. Enquanto aluno, tudo que tinha a minha disposição eram dois colchões e ao transitar para uma escola equipada com as melhores condições para a prática da modalidade tive alguma dificuldade em adaptar os exercícios as mesmas. O receio de que algum aluno se ferisse era grande e por isso exigia atenção redobrada.

### **3.2. Formação contínua: um imperativo da profissão**

Vivemos numa era em que tudo é momentâneo e acontece a uma velocidade feroz. Somos parte de uma sociedade que desacredita constantemente o professor e o papel do mesmo. Conceitos como desconfiança e incerteza fazem parte da profissão do docente. Zygmunt, (2000) caracteriza a formação como superficial, solúvel e precária. De forma a atenuar esta problemática muitos autores defendem a importância da PES na formação contínua dos futuros professores bem como dos professores e da reestruturação e construção dos planos de formação.

Ao analisarmos esta questão em pormenor facilmente percebemos o papel da PES para um Estudante Estagiário (EE) visto ser o momento em que transitamos os conhecimentos para a prática, testamos diferentes abordagens de ensino e onde somos introduzidos à docência em todas as suas vertentes. De forma não tão automática temos a importância da PES para os já docentes.

Introduzindo um EE no contexto escolar ele não só terá a oportunidade de evoluir como também de possibilitar a evolução dos professores que os acompanham. Ou seja, o que se pretende de um EE é que ele implemente os conhecimentos adquiridos no ano anterior e tendo em conta a velocidade em que o ensino e a sociedade de forma generalizada evoluem a teoria que os futuros docentes transportam é bem diferente daquela que os POC obtiveram (Resende, Lima, 2016). Desta forma, permitindo a inclusão de um EE estamos a contribuir para a reconstrução de conhecimentos de todos os intervenientes da ação.

Não obstante, apesar da PES ser um ferramenta fundamental, não dispensa formações específicas quer ao nível das modalidades, como de primeiros socorros, psicológicos e éticos. Do mesmo modo não dispensa a reflexão. Refletir é uma das tarefas mais importantes na prática de ensino. Refletir consciencializa-nos das nossas dificuldades e por consequente das nossas necessidades de formação pois só através deste processo nos conseguiremos adaptar às rápidas mudanças no campo educacional e às realidades encontradas em contexto de sala de aula.

## *Capítulo IV*

---

### *Reflexões Finais*

---

## **1. Experiência pessoal e profissional**

Ao longo do ano foi possível aumentar as minhas competências e qualidades ao nível profissional o que resultou num impacto notável a nível pessoal. As turmas que fui tendo a meu cargo, a oportunidade de treinar uma equipa feminina de andebol, o aluno de NEE, as atividades que fui realizando e em que fui auxiliando, os alunos, o corpo docente e não docente, toda a comunidade, contribuíram de alguma forma para a minha evolução enquanto futuro docente e enquanto ser humano em sociedade. Foi possível através das vivências que a PES me proporcionou aumentar o meu sentido de responsabilidade, maturidade e autonomia. Atualmente sinto-me capaz de idealizar, realizar e avaliar uma atividade com vista a promover a prática desportiva. Sou capaz de comunicar de forma mais coerente e eficaz, de ponderar e avaliar cada situação de forma individual.

O facto de ter realizado um seminário onde abordamos as conclusões do projeto de investigação que visava avaliar o desenvolvimento das CMCC fez com que me apercebesse que as crianças de hoje estão cada vez menos desenvolvidas devido ao facto de não serem estimuladas devidamente.

Acima de tudo este ano ensinou-me a importância de refletir, de ser capaz de ver a mesma ação de diferentes perspetivas, de me conseguir distanciar e fazer um melhor julgamento das minhas atitudes bem como das atitudes dos restantes intervenientes em causa.

Estar pela primeira vez dentro do meio podendo desta forma relacionar-me com os alunos, criando assim uma relação propícia para o ensino e com os professores, que foram uma mais-valia em todo este processo pela transferência de conhecimentos adquiridos através da experiência, fizeram-me ter a confirmação do quanto quero prosseguir com a profissionalização na área do ensino de EF.

## **2. A componente ético-profissional**

Desde sempre, soube que a PES iria requer muito da minha parte. De forma a propiciar um processo de ensino e de aprendizagem favorável sustentado em valores como responsabilidade, competência, confiança e apoio seriam mais do que nunca fundamentais para assim potencializar a evolução dos alunos. De facto, acredito que ser professor é mais do que transmitir conhecimentos. É estarmos disponíveis para ouvir os alunos de forma a juntos conseguirmos atingir os objetivos e corresponder as expectativas depositadas na disciplina bem como neles próprios e até em mim enquanto educador.

Para tal, foi necessário assumir uma postura constante de iniciativa de forma a responder as necessidades que iam surgindo e até mesmo para antecipar futuros problemas salvaguardando os interesses dos alunos de forma a proporcionar a todas as crianças e jovens uma educação de qualidade.

### **3. Realidade do contexto escolar: impacto da PES**

Tendo chegado ao fim mais um ano letivo chega também o momento de refletir. Refletir sobre o percurso feito até ao momento, refletir sobre a importância da PES no mesmo, os pontos positivos e negativos. Refletir sobre aquele que é o meu futuro cada vez mais próximo.

Durante toda a formação académica somos “bombardeados” com conhecimentos, alguns práticos e muitos teóricos, com abordagens diferentes, com formatações diversas sobre o que é ser professor, o conceito aula, alunos, escola e ensino e somos muito pouco desafiados a criar a nossa versão. A versão que reflete aquilo que somos ou aspiramos ser enquanto profissionais. Docentes capazes, conscientes e completos. Somos muito pouco desafiados até ao momento em que somos “largados às feras” e nos encontramos a porta de uma escola munidos de conhecimentos, mas sem a experiência de manuseá-los.

De uma forma geral, este ano exigiu mais responsabilidade, autonomia, iniciativa, ponderação e reflexão. Pela primeira vez tinha responsabilidades que me ultrapassavam, a mim e aos meus objetivos. Durante o ano fui responsável por um total de seis turmas, por garantir o sucesso da disciplina e que os seus objetivos individuais e coletivos fossem atingidos.

Ao longo do ano os meus maiores receios recaiam na capacidade de transmitir conhecimentos, de comunicar, de agir sempre que o era necessário, de refletir sempre que o momento assim o pedia. Durante o ano, esses mesmos receios foram-se desvanecendo, assumo que uns mais rápidos que outros, mas foram. Foram e muito devido ao apoio que fui encontrando de diversas formas. Desde o NPES ao POC, passando pelo supervisor, a Dr.<sup>a</sup> Irene, todo o corpo docente e não docente da Didáxis e até mesmo dos alunos. Porém, na medida em que fui apoiado fui também desafiado. As mesmas pessoas que me deram a mão também foram aquelas me fizeram precisar dela. O facto de lidarmos diariamente com crianças, jovens e adultos exige de nós enquanto docentes uma enorme ginástica no que compete as relações humanas e na gestão das mesmas.

Acredito que cada vez mais o nosso papel se dificulta. Se, por um lado, encontramos um corpo docente e não docente disposto a auxiliar-nos, a encontrar diferentes perspetivas sobre

os mesmos atos, por outro, temos crianças e jovens mais difíceis de lidar. A sociedade de hoje retira às nossas crianças a oportunidade de brincar e a autonomia de pensar e agir por si o que resulta na falta de interesse para a aquisição das mais diversas competências. Desta forma, ao longo do ano fui me apercebendo do reduzido desenvolvimento que os jovens de hoje apresentam nas CMCC o que exige uma maior e constante estimulação das mesmas de forma a atingir o nível elementar das modalidades abordadas.

Em suma, acredito que todas as vivências que tive resultaram em conhecimento. A PES fez-me perceber, através de tudo aquilo que me proporcionou, que a docência exige de cada um de nós uma formação contínua. A sociedade não está estagnada e como consequência disso o ensino também não o está. Assim, acredito que a conclusão do MEEFEBS não é o fim da formação, mas sim a base de tudo aquilo que se segue.

---

## *Referências Bibliográficas*

---

Alcalá, D. H., & Garijo, A. H. (2017). Teaching Games for Understanding: A Comprehensive Approach to Promote Student's Motivation in Physical Education. *Journal of human kinetics*, 59(1), 17-27.

Araújo, R. (2017). A aprendizagem dos alunos e as dinâmicas operantes no seio das equipas no Modelo de Educação Desportiva: Evidências da investigação e direções futuras. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*.

Batista, P. (2014). O papel do estágio profissional na (re) construção da identidade profissional no contexto da Educação Física: cartografia de um projeto de investigação. *O estágio profissional na (re) construção da identidade profissional em Educação Física*, 9-41.

Bailey, R. (2009). Physical education and sports in schools: A review of benefits and outcomes. In R. Bailey & D. Kirk (Eds.), *The Routledge Physical Education reader* (pp. 30-37). Oxon: Routledge.

Bento, J. (2003). *Planeamento e avaliação em educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.

Bratfische, S. A. (2003). Avaliação em educação física: um desafio. *Journal of Physical Education*, 14(2), 21-31, Concepções e contextos de intervenção e avaliação (pp. 133-153) São Paulo

Dyson, B., Griffin, L., & Hastie, P. A. (2004). Sport Education, Tactical Games, and Cooperative Learning: Theoretical and Pedagogical Considerations. *Quest*, 56(2), 226-240

Fosnot, C. T. (1998). *Construtivismo: teoria, perspectivas e prática pedagógica*. Porto Alegre: Artmed.

Gee, J. P. (2000). Chapter 3: Identity as an analytic lens for research in education. *Review of research in education*, 25(1), 99-125

Hastie, P. A. (2012). The nature and purpose of Sport Education as na educational experience. In P. Hastie (Ed.), *Sport Education: international perspectives* (Routledge Studies in Physical Education and Youth Sport (pp. 1-12). USA: Routledge.

Hellstedt, JC (1995). Jogadores invisíveis: um modelo de sistemas familiares. *Intervenções de psicologia do esporte*. 117-146. investigação e intervenção. In D. Bartholomeu, J. M. Montiel, A. A. Machado,

Metzler, M. W. (2011). *Instructional Models for Physical Education* (3 ed.).Scottsdale, Arizona: Holcomb Hathaway, Publishers, Inc.

Nóvoa, A. (2011). *Para uma formação de professores construída dentro da profissão*. 2009.

O’Leary, N. (2016). Learning informally to use the ‘full version’ of teaching games for understanding. *European Physical Education Review*, 22(1), 3-22.

Resende, R., & Lima, R. (2016). *Relação professor de educação física e alunos: Teoria,*

Sá, C. (2010). Perceções dos formadores de Professores de Educação Física sobre a Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, a formação inicial de Professores e o Curso Superior em que estão envolvidos. In SCPD (Ed.), *Desporto e pedagogia: formação e investigação* (pp. 51-82). Lisboa: Coisas de Ler.

Silva, T., Batista, P., & Graça, A. (2014). Os programas de formação inicial de professores de Educação Física nas Universidades Públicas Portuguesas: Da estrutura aos fundamentos. *O Estágio na (Re) construção da Identidade Profissional do Professor*, 113-141. Vetor Editora

Wallhead T, O’Sullivan M (2007). A didactic analysis of content development during the peer teaching tasks of a Sport Education season. *Physical Education and Sport Pedagogy* 12, 3: 225-43.

Watson, C. (2006). Narrativas da prática e construção da identidade no ensino. *Professores e Ensino: teoria e prática*, 12(5), 509-526.

Zygmunt, B. (2000). *Liquid modernity*. Polity, Cambridge

Zhang, W., Chen, Q., McCubbin, H., McCubbin, L., & Foley, S. (2011). Predictors of mental and physical health: Individual and neighborhood levels of education, social well-being, and ethnicity. *Health & Place, 17*(1), 238-247.